

Questão 2: Identifique e analise 2 (dois) fatores referentes ao meio técnico-informacional que influenciam na emergência de novas territorialidades em escala global.

A análise progressiva do espaço geográfico, realizada pelo professor Milton Santos, em grande parte de suas obras, apresenta-nos uma discussão e um panorama mundial acerca do processo de modernização e suas periodizações. O geógrafo trabalhou a relação indissociável entre espaço-tempo e situou as transformações engendradas pelo que denominou (período) meio técnico-informacional. Os principais fatores que caracterizam o espaço-tempo, marcado pela ciência produzindo as técnicas para a produção e a informação impregnando os objetos, as ações e as relações produtivas, podem ser definidos pela emergência: 1- de novas tecnologias produtivas; e 2- de novas formas organizacionais, como sintetiza o geógrafo David Harvey na obra "Condição pós-moderna". São estes fatores que identificamos e analisaremos, no que diz respeito à emergência de novas territorialidades em escala global. Contudo, antes de partir para análise dos fatores mencionados, cabe-nos esclarecer e delinear o conceito de territorialidade para focalizarmos o novo que tais transformações suscitam. A abordagem que norteará a análise partirá do conceito de territorialidade enquanto dimensão da categoria Território, compreendido na perspectiva de Haesbaert (2014), como imerso em relações de dominação e/ou apropriação - enfatizando, portanto, as relações de poder - desdobrando-se ao longo de um continuum que vai da dominação política-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural/simbólica. Neste sentido, a territorialidade pode ser apreendida em relação à materialidade (controle físico), imaterialidade (controle simbólico) e também na conjugação de ambos aspectos. Analisaremos tais fatores a partir da territorialidade das grandes corporações, do Estado, das agências e órgãos supranacionais e dos movimentos sociais, abordando o uso, sentido e organização do espaço numa dimensão política,

mas que também incorpora as dimensões econômicas e culturais.

A questão norteadora que orienta a análise do primeiro fator é: como as tecnologias de informação e comunicação (novas tecnologias produtivas) influenciam na emergência de novas territorialidades em escala global?

Considerando a Grande indústria e as grandes corporações, o advento das novas tecnologias produtivas promoveu a capacidade de imposição de tais atores no mapa econômico do mundo. A nova territorialidade emergente caracteriza-se pelo apoio em novos suportes de transporte, telecomunicações, concentração de informações e a formação de agregações e aglomerações espaciais em pontos privilegiados, mediante recursos e fatores logísticos, vantagens locacionais, competição e condições para realização de atividades mais importantes. Contudo, os parâmetros de fixação e ancoragem espacial são completamente alterados, pois as sedes ou plantas industriais podem ser realocadas facilmente. A rigidez que definia a acumulação fordista é substituída pela flexibilidade / flexibilização. Trata-se de uma trans-territorialidade, uma vez que atravessa (ou desvulva) fronteiras político-econômicas e estende sua dominação sobre outras territorialidades, inclusive do Estado.

O meio-técnico-científico-informacional também intervém na atuação, administração e gestão estatal, que tem seus papéis reconfigurados e vê algumas de suas prerrogativas sendo solapadas, sobretudo no que diz respeito à dimensão econômica. No entanto, o Estado manifesta e revela a emergência de uma nova territorialidade à medida que adquire um caráter neoliberal e quando é convocado a intervir em situações de segurança. Esta tem sido uma nova prerrogativa do Estado que manifesta novos contornos de sua territorialidade: regular a des-ordem, mitigar as ameaças, reduzir os riscos, gerir a população — mesmo que seja preciso lançar mão de medidas e procedimentos de exceção. Ainda abordando a perda de algumas prerrogativas do Estado, as instituições e órgãos supranacionais também figuram como territorialidade emergente: Banco mundial, Fundo monetário internacional,

e a Organização das Nações Unidas demonstram novas redes de poder-informação/saber características do meio técnico-científico-informacional, expressando relações "sem-fronteiras", transterritoriais. Se a globalização é condicionada pela modulação deste meio "unificado", não podemos olvidar sua contraface, a fragmentação, que também materializa-se e emerge enquanto territorialidade. É o caso dos blocos econômicos, ou regionalização da economia, como a União Europeia, Mercosul, e outras redes de integração. A fragmentação tem sua expressão também na ascensão do nacionalismo ~~da~~, recentemente evidenciada pelo BREXIT (a saída da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte da União Europeia). Tanto para a nova territorialidade do Estado, quanto para as instituições supranacionais, o advento das tecnologias de informação e telecomunicações foi um fator representativo em seu rearranjo e reconfiguração de forças num âmbito concreto/funcional, como também simbólico, afinal, somos saturados por um turbilhão de informações, carregadas de ideologias, que cuom um espectro de dominação total estadunidense (filmes, séries de televisão, propagandas). Finalmente, numa direção oposta à globalização hegemônica, estão os movimentos sociais ou mobilizações de resistência, que emergem enquanto novas territorialidades influenciadas pelo meio técnico-científico-informacional, sobretudo, pela possibilidade de organização em rede, compartilhando informações, estratégias, táticas e promovendo ações, não apenas no ciberespaço, como também, nas ruas, como o Fórum Social Mundial de Porto Alegre e as revoltas da Primavera Árabe e as jornadas de junho de 2013 no Brasil. Os movimentos sociais se apropriam de tais ferramentas e constroem escalas de ação em dimensão global. Embora os protestos e manifestações tenham um caráter mais local, o alcance pode ser difundido via redes sociais e mídias alternativas e independentes, numa perspectiva que Milton Santos vislumbrava como uma outra globalização.

O segundo fator que analisaremos, diz respeito às novas formas organizacionais e sua influência na emergência de novas territorialidades. Em relação às grandes corporações e oligopólios transnacionais, a flexibilização dos processos e relações de produção e trabalho tem promovido uma territorialização mais fluida e menos ancorada nos lugares. Ainda que a fixidez seja imprescindível, esta não é mais determinante na localização, sobretudo pela produção "just in time", mais baseada em cálculos e operações logísticas que dispensam estoques e grandes armazéns (embora a paisagem - principalmente das regiões portuárias - esteja sendo "contaminada" pela presença de contêineres que revelam também uma territorialidade fluida). Outro aspecto que marca uma nova territorialidade e provoca outras des-re-territalizações é a expulsão de residentes tradicionais pela chegada de grandes indústrias (como é o caso de Sepetiba-RJ) e as migrações de mão-de-obra atraída pelas aberturas de novos postos de trabalho e oportunidades de emprego. Seja pela exigência de mão-de-obra especializada e qualificada ou, então, barata e sem qualificação, as novas formas organizacionais reconfiguram o território e as relações funcionais e simbólicas que o constitui. Novas territorialidades que emergem em escala global com a divisão internacional do trabalho e as hierarquizações do espaço geográfico comandadas pelas grandes corporações. Neste sentido, as novas formas organizacionais também tem um rebatimento na governança/governamentalidade estatal e na atuação dos órgãos supranacionais. O Banco Mundial e o Consenso de Washington desempenharam papel importante no que diz respeito aos ajustes e des-regulamentações que seguem na cartilha neoliberal. Com a financeirização da economia, é o mercado financeiro e seus especialistas, think tanks, que ditam as normas de funcionamento dos países, consequentemente, da organização/ordenamento territorial. Privatizações, desmontelamento do Estado de Bem-estar social, queda de direitos sociais, são exemplos de uma reestruturação do ordenamento jurídico-econômico fundamental à sustentação da racionalidade

neoliberal.

As novas territorialidades que emergem, globalmente, influenciadas por novas condições de organização espacial no mundo, também se constituem numa face contra-hegemônica, contestando o monopólio das informações, as novas técnicas monetárias, e a programação e molificação da sociedade de consumo. Insurgem-se contra o Estado-policial-empresendedor e procuram inaugurar outras ordens, outras racionalidades, numa perspectiva que conjuga materialidade-imaterialidade e lança mão de novas formas de organização, mais horizontais e menos hierárquicas, mais autônomas e emancipatórias. É o que podemos observar a partir dos novos movimentos sociais, sobretudo, na América Latina e o giro extra-territorial. Populações tradicionais, como indígenas, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, mobilizam-se em torno de uma articulação entre saberes, técnicas, memórias, sentido do lugar, luta e resistência. Criam novos eixos espaciais, buscam alternativas ao desenvolvimento capitalista neoliberal, como no caso da etnia quechua e aymara a partir da filosofia e cosmologia do Sumak Kawsai, bem viver. Compartilham estratégias e técnicas de protestos e manifestações, como o movimento dos piqueteiros na Argentina e os "ocupas", provenientes do movimento global Occupy Wall Street, que influenciou estudantes do ensino médio em várias escolas do Brasil. Reivindicam não só por direitos, mas pelos territórios, como é o caso dos Zapatistas no México. Esses exemplos demonstram a variedade de repertórios de ação engendrados por novas formas de organizar-se e resistir, de manifestar a territorialidade a partir do meio técnico-científico-informacional. Territorialidades alternativas, autônomas, portadoras de um novo mundo, como disse o jornalista e pesquisador Raúl Zibechi.

Buscamos nessas linhas analisar dois fatores referentes ao meio técnico-científico-informacional que influenciam na emergência de novas territorialidades, sendo as novas tecnologias produtivas e as novas formas organizacionais objeto de análise focalizado numa escala global.